



# CRISTONORMATIVIDADE: TENSÕES PERANTE A IMAGEM DE JESUS TRANS EM UMA SOCIEDADE HETERONORMATIVA

## CHRISTONORMATIVITY: TENSIONS BEFORE THE IMAGE OF JESUS TRANS IN A HETERONORMATIVE SOCIETY

Tiago Herculano da SILVA<sup>1</sup>

### RESUMO

Olhando para as representações da imagem de Jesus com uma face trans e/ou homoafetiva na arte, abordo reflexões que permeiam minha pesquisa de doutorado pela UDESC com intuito de discuti-las e desenvolvê-las pelo olhar das questões que envolvem os estudos de gênero. O objetivo deste artigo é fazer um levantamento das representações de Jesus na arte e como elas encontram-se vinculadas a tensões sociais, políticas e religiosas ao colocar em pauta indagações que permeiam o Brasil atual. Utilizaremos o desfile da escola de samba virtual Deixa de Truque como fio condutor da narrativa e das discussões sugeridas, além de abordarmos o carnaval da Estação Primeira de Mangueira no ano de 2020 como proposta de entendimento da representação da figura de Jesus como meio questionador da heteronormatividade social. Por elas, traçaremos o conceito de *Cristonormatividade* que consiste na construção da imagem de Jesus por uma norma social hétero cisgênera.

### PALAVRAS-CHAVE

Jesus; homossexualidade; transexualidade; carnaval; arte.

---

<sup>1</sup> Doutor em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: <txchyagoserectus@hotmail.com>.



## ABSTRACT

Looking at the representations of the image of Jesus with a trans and/or homoaffective face in art, I approach reflections that permeate my doctoral research at UDESC in order to discuss and develop them through the eyes of issues involving gender studies. The purpose of this article is to survey the representations of Jesus in art and how they are linked to social, political and religious tensions by raising questions that permeate Brazil today. We will use the parade of the virtual samba school Leave de Truque as the guiding thread of the narrative and the suggested discussions, in addition to approaching the Carnival of Estação Primeira de Mangueira in 2020 as a proposal to understand the representation of the figure of Jesus as a means of questioning heteronormativity. Social. Through them, we will trace the concept of *Christ-normativity* that consists of the construction of the image of Jesus by a hetero-cisgender social norm.

## KEYWORDS

Jesus; homosexuality; transsexuality; carnival; art.

## INTRODUÇÃO

Na edição de 2020 do evento Desfazendo Gênero, intitulado III Seminário (Des)Fazendo Saberes na Fronteira: Lutas e (Re)Existência, abordei as diversas faces de Jesus no carnaval da Estação Primeira de Mangueira de 2020 (SILVA, 2020). Era o início de minha pesquisa de doutorado em artes cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Para este recorte, com a pesquisa um pouco mais avançada, tracei breves apontamentos sobre as possíveis faces de Jesus no carnaval da Estação Primeira de Mangueira no ano de 2020. Procurei aprofundar os questionamentos perante a face LGBT<sup>2</sup> de Jesus presente tanto no desfile da Mangueira quanto em outras formas artísticas

---

<sup>2</sup> Atualmente a sigla consiste na seguinte em: LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis [Todes pela letra T], Queer, Intersexo, Assexual, Pansexualidade e Não-binariedade. O “+” representa as demais orientações de sexualidade e gênero). Para mais informações: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>. Usaremos no trabalho apenas a sigla abreviada da: LGBT.



carnavalescas, como Carnaval Virtual, que, ao meu entendimento, provocam questionamentos de gêneros, sociais, religiosos e políticos do Brasil atual.

O objetivo desta abordagem aqui apresentada é realizar um olhar sobre possíveis representações da face de Jesus LGBT dando início a encaminhamentos que possam aprofundar reflexões e indagações que permeiam minha pesquisa de doutorado, além de levantamentos enquanto Estado da Arte perante o uso da figura de Jesus por meio de encenações e performances de enfrentamento a atual conjuntura política do Brasil. Vale reforçar que a pesquisa se encontra em andamento e as possíveis afirmações propostas neste texto devem ser entendidas como provocações e estímulos com intuito de refletir artisticamente sobre as faces de Jesus na arte e no carnaval.

## **A FACE ICONOGRÁFICA**

Estudando a construção iconográfica da face de Jesus pela Igreja, encontro nos estudos de Trevisan (2003) apontamentos de como os monges eram misóginos em suas narrativas e como essa característica influenciou as imagens sacras: “Tal misoginia influenciará, sobretudo, nas representações de Cristo-Juiz, contribuindo para excluir dessa imagem quaisquer traços de suavidade e ternura” (TREVISAN, 2013, p. 82). A construção do temor à Deus atravessa a iconografia cristã quando ela remove traços de ternura nas suas representações, isto é, a ideia de juiz permeava o imaginário de alguém severo, pulso forte, temido, dominador e não sentimental, assim, sentimentos entendidos como “fraqueza” deveriam ser eliminados da criação simbólica da imagem do Cristo-Juiz. Dessa forma, características como suavidade e ternura, por serem relacionadas ao feminino nesse processo, são excluídas das representações; não é à toa que quem socorre os pobres e coitados no



juízo com piedade e ternura será a mãe, isto é, Nossa Senhora. Coube a ela estas características expressas na arte iconográfica sacra.

Essas mesmas narrativas dos monges vão vincular a imagem da mãe à essa ternura e salvação, enquanto a da mulher, representada por Eva, ao temor da luxúria, ao demoníaco. O divino ficaria restrito como um direito natural do homem, tanto pelo fato do salvador, Jesus Cristo, ter sido homem quanto pelo imaginário do homem como oposto a mulher, isto é, “a mulher era confundida, no imaginário religioso, com as tentações demoníacas. [...] O corpo feminino surgia como origem primeira da sedução” (TREVISAN, 2013, p. 85), portanto, o corpo do homem era puro, propício para a divindade. A mulher teria que se esforçar mais que ele para merecer e atingir a salvação. A imagem de Jesus construída enquanto homem possui a sua *imagem e semelhança* o masculino, mas não é qualquer masculino. É aquele que representa todo o conjunto de interesses de uma Europa que buscava colonizar e controlar outros povos por meio da fé (TREVISAN, 2013). Jesus passa a ser representado como branco de olhos claros e cabelos lisos.

Observando cargos do sacerdócio, como o papado e os bispos e todo o alto escalão do clero, percebo que todos são cargos ocupados por homens. A mulher não ministra a missa. Ministar a missa é entrar em contato com Deus e falar por ele. Nessa lógica misógina em que a mulher simboliza a Eva e o homem é Adão – pobre coitadinho que foi enganado por Eva e induzido a cometer o pecado – só pode falar por Deus aquele cujo a sua imagem é sua semelhança, ou seja, o homem. A mulher tem acesso ao divino por meio de um terceiro, isto é, por intermédio de Maria – rezando para sua semelhante – ou por meio do homem que ministra a missa e que representa o divino. Entendemos que as freiras possuem certos *status* e privilégios e podem ter



acesso ao divino por meio de sua devoção, mas quem tem autorização para professar a “palavra de Jesus” e consagrar a hóstia, comandar o ritual de reza da missa, de acessar diretamente a Deus são somente os homens, os padres.

Podemos entender quais fatores ajudaram na representação iconográfica da face de Jesus ligada aos ideais imaginários do masculino e que, muitas vezes, esteve constituída na semelhança do europeu homem branco com olhos claros e cabelos lisos.

## **A FACE TRANS**

Toda essa narrativa do imaginário medieval perante a mulher na religião Cristã vai influenciar na forma como reagimos hoje a uma Jesus com face feminina como foi na representação da rainha de bateria da Mangueira, Evelyn Bastos, que representou a possibilidade da face feminina de Cristo, ou seja, uma Jesus com corpo de mulher que indaga sobre o machismo social (SILVA; LIMA, 2021). Ao estudar a face trans de Jesus percebo que existe reverberações da misoginia perante a face feminina nessa representação trans. Agora, tento aprofundar as questões e posicionamentos perante a face trans e a face gay de Jesus nas diversas representações artísticas carnavalescas abordando o quanto a sociedade heteronormativa se torna opressora desses grupos sociais.

Ao estudar as performances de gênero, Butler (2015) aponta para como somos educados ao longo da vida a seguir princípios heteronormativos construídos socialmente muito antes de nascermos, como a lógica da cor azul pertencente ao masculino e a cor rosa pertencente ao feminino.

As cores podem representar sentimentos, para o pesquisador Israel Pedrosa (2009) a cor azul pode expressar serenidade, tranquilidade, os



mistérios da alma e a ligação com o divino. Como supracitado, no processo da iconografia de Jesus, foram removidas algumas características que expressam sentimentos “femininos” deixando apenas aquilo entendido como imaginário masculino nas representações sacras, desta forma, as cores também foram pensadas para reforçar esta associação ao masculino. Podemos evitar usar umas cores e utilizar-se de outras intencionalmente para acentuar ideias sociais na iconografia. Por este prisma, podemos apontar que as cores estão dentro de uma normal heterossexual quando elas são usadas para designar características que determinados gêneros devem ter, por exemplo, quando a criança é do sexo masculino o quarto é pintado ou enfeitado com a cor azul para expressar uma masculinidade; o mesmo ocorre em relação a menina com a cor rosa. Ao longo da vida, é educado a criança que o azul é uma cor que representa seu gênero masculino; em alguns casos, estimula-se que ele evite cores entendidas como do gênero oposto, como a cor rosa.

Essa sociedade hétero compulsória vai moldando os corpos e os comportamentos com intuito deles se enquadrarem na normatividade heterossexual. Essa normalidade é formada pelo binarismo homem e mulher, pelo qual, acentua-se que determinadas ações, roupas, comportamentos, aparência, cores entre outros são pertencentes de um gênero e os seus opostos são representações do gênero oposto. Dessa forma, um corpo que se apresenta fora dessa norma estabelecida para seu gênero será percebido como corpo abjeto e será marginalizado pelo sistema. Corpos trans, por exemplo, são corporeidades em trânsito de gênero, isto é, a ideia da corporeidade é justamente situar o corpo perante o social e consigo mesmo. Assim, essas corporeidades não normativas acabam tensionando a norma da sociedade hétero



compulsória. Por elas, podemos levantar questões perante a marginalização feita nos corpos por um sistema heteronormativo e como a arte lida com isso.

## O CARNAVAL VIRTUAL

Começo a falar da face trans de Jesus e como ela tensiona a norma dessa sociedade hétero compulsória por meio do Carnaval Virtual<sup>3</sup>, nele, apresentei um desfile feito para a Edição Especial da liga em 2021 na agremiação virtual Deixa de Truque em que estava trabalhando como carnavalesco. O enredo *As faces de Jesus no país do BBB*<sup>4</sup> consiste em uma crítica a forma como o atual governo brasileiro trata as parcelas sociais – negros, nordestinos, mulheres, transexuais e indígenas – marginalizando-as, pelo qual, faço a associação destes grupos sociais às faces de um Jesus plural. Pelo enredo, apresentei as quatro faces de Jesus – negra, mulher, trans e indígena – enfrentando os preconceitos sociais que colocam seus corpos em martírio. O termo *País do BBB* – Bíblia, Bala e Boi (SIMAS; RUFINO, 2020) – resume o atual momento político brasileiro, no qual representantes de organizações cristãs no poder político ostentam a *Bíblia* como símbolo a fim de legitimar o discurso de controle e da punição das corporeidades, subjugando os cidadãos através de sua ideologia neopentecostal. A *Bala* remete às milícias e à violência social, além das mortes legitimadas e estimuladas por esse governo necropolítico; e o *Boi* é referência ao negacionismo perante catástrofes

---

<sup>3</sup> Carnaval Virtual é uma competição filantrópica que consiste em projetos de enredo (texto), fantasias e alegorias (desenhos e pinturas) e samba-enredo (parte musical) feitos por pessoas de diversos estados brasileiros. Pessoas que se reúnem para celebrar o carnaval das escolas de samba e trocarem ideias e conhecimentos entre si. Para mais informações sugerimos a página oficial da competição: <https://carnavalvirtual.com.br/>.

<sup>4</sup> *Link* para assistir ao desfile completo da Deixa de Truque Edição Especial 2021, pelo site do Carnaval Virtual: <http://www.carnavalvirtual.com.br/site/desfiles/desfiles-edicao-especial-carnaval-2021/03-gresv-deixa-de-truque-carnaval-virtual-edicao-especial-2021/>.



ambientais como as queimadas e desmatamentos no país que, em nome do agronegócio, beneficia grandes latifundiários agricultores e criadores de gado.

O setor em que abordo a face trans de Jesus indaga como a sociedade marginaliza este corpo a partir de uma norma hétero compulsória. Por meio do *País da Bala*, em referência a violência atual do país, o cenário proposto para o setor do desfile foi a rua. Na ala 09, o grupo cênico representa *As esquinas da vida* (imagem 01). O corpo trans, que podem causar estranheza em alguns, também é uma extensão do corpo de Jesus. Essa corporeidade está nas esquinas, na noite e nas ruas a mercê da violência e termina tendo seus direitos negados por um sistema social que valoriza apenas aqueles que seguem sua norma. Direitos como as oportunidades na vida, tanto de trabalho quanto de formação estudantil e acadêmica são negados. Em muitos casos, as travestis e transexuais, ao se verem oprimidas em ambientes escolares e sem conseguirem continuar sua formação, por exemplo, abandonam a escola quando mais novas e, para sobreviver, acabam ingressando no mundo da prostituição nas ruas sujeitas a violência destes espaços (BRAZ, 2016).

Uma sociedade hétero compulsória vai se impor como norma vigente tornando a heterossexualidade algo natural, normal, assim, exercer sua sexualidade passa a ser percebido como um direito garantido pela normatividade. Qualquer outra forma sexual oposta a essa norma será percebida como algo anormal e sem direito. Ao estudar o poder como violência Walter Benjamin (2012) aborda como o direito natural é colocado na sociedade de forma violenta, ou seja, para manter a heteronormatividade é preciso naturalizar o direito hétero e exercer poder perante os que não o são. Este poder pode ser expressado em símbolos, por palavras, em restrições de comportamentos, em normas sociais que devem ser seguidas para se enquadrar. Para ele, “[...] a cada momento possas usar a



humanidade sempre como fim, e nunca apenas como meio, tanto no que se refere à tua própria pessoa como à de um outro” (BENJAMIN, 2012, p. 64), em outras palavras, a preservação da humanidade para um bem maior é o objetivo e o outro, o individual, a minoria, se torna aquele que precisa se enquadrar ou estará fora do estabelecido como humanidade, isto é, o sistema social. Estar fora do sistema é estar à sua margem, sem direitos e sem poder usufruir do mesmo.

Quantas trans vemos em shoppings ou em balcões de atendimentos das lojas ou comandando algum cargo público? Esses corpos vistos como fora da norma hétero são jogados ao espaço das margens. Utilizei do figurativo da rua para representar este local onde elas constroem a sua sobrevivência. Nessa perspectiva, percebemos que, na maioria das vezes, esses corpos terminam na marginalização e na prostituição das ruas por falta de oportunidades. Como forma de representar essa marginalização, algumas componentes da ala 09 vêm encenando a vida noturna (Imagem 01).

**Imagem 01** — Ilustração da ala 09  
— As esquinas da vida



**Imagem 02** — Desenho da ala 10  
— O país da Bala



Fonte: Arquivo pessoal<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Ambos os desenhos foram feitos pelo autor da pesquisa para o desfile da Deixa de Truque.

Logo em seguida, no desfile, outro grupo cênico representava *O país da Bala* na ala 10 (Imagem 02). A violência contra a homoafetividade está bastante presente no Brasil atual, muitas vezes, legitimada pelos discursos daqueles que estão no poder. A bala é o símbolo que envolve toda essa violência no Brasil. Para representar esse país que usa a violência como forma de exercer poder, norma e legitimar a marginalização, além de naturalizar as mortes de corpos abjetos, fiz a representação de um canteiro com várias cruzes coloridas na ala 10 – simbolizando os corpos de homoafetivos mortos por esse sistema – e com um componente vestido de Jesus chutando essas cruzes para simbolizar a falta de empatia desse atual governo para com essas mortes. A cena de alguém chutando cruzes também tem alusão ao ato de pessoas chutarem cruzes que simbolizavam as pessoas mortas na pandemia do COVID-19 em algumas praias brasileiras<sup>6</sup>. A fantasia central é de um Cristo fazendo “arminha”, gesto bastante usado pelo presidente da república Jair Messias Bolsonaro durante as eleições e repetido por vários de seus seguidores ao longo de seu mandato. A imagem de um Jesus fazendo “arminha” é para representar a forma como o atual governo utiliza da imagem sacra e da religião para estimular e legitimar a sua violência perante os corpos que não seguem sua norma social.

Assim, apontamos que no atual governo, a face de Jesus está vinculada a uma ideia de violência e, em muitos casos, a fala cristã está ligada a legitimar essa violência e o controle dos corpos. Para Benjamin (2012, p. 61) “[...] mesmo à luz da ordem jurídica atual, o recurso à violência é admitido”, assim, o direito naturalizado da norma heterossexual legitima o poder de

---

<sup>6</sup> Para mais informações: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/11/grupo-ataca-manifestacao-que-lembra-mortos-pela-covid-19-no-rio.ghtml>.



exercer no outro a violência necessária para que a norma seja mantida. Seja na violência contida em seus discursos ou na forma como esses corpos são inseridos na sociedade sem direitos e sem oportunidades, reforçando a ideia de que precisam se enquadrar para poderem ter seus direitos. Nesse neopentecostal que profere “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, o corpo da mulher é controlado para vestir-se de rosa, pois essa cor é dada ao feminino e todos aqueles que não seguem a norma serão “violentados” pela norma vigente.

Para representar esta violência usei de um elemento alegórico que acompanha o grupo; representa a sede do Porta dos Fundos em alusão aos ataques sofridos devido o especial de natal de 2019 fazer alusão a Jesus tendo experiências homoafetivas (imagem 02). Após o sucesso do especial de Natal de 2018, Porta dos Fundos fez um especial em 2019 intitulado *A primeira tentação de Cristo*, distribuído pela plataforma de *streaming* Netflix. Na parodia proposta, Jesus teria tido uma experiência homoafetiva durante sua passagem pelo deserto. Se satanás teria tentado Jesus com todas as possibilidades de tentações no deserto, seria possível interpretar esse “todas” abrangendo tentações sexuais diversas? Ou a metáfora só se aplicaria a sexualidade heterossexual?

Em todo caso, o especial assustou o país com a possibilidade de Jesus ter tido esta experiência homoafetiva. A chuva de críticas na internet e as tentativas de proibição com abaixo-assinados e boicote ao filme foram grandes. Além dos recursos para impedir, juridicamente, que o especial continuasse a ser exibido e, não obtendo sucesso<sup>7</sup>, “a sociedade” assustada

---

<sup>7</sup> Para mais informações: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2021/08/justica-nega-acao-contra-porta-dos-fundos-por-especial-de-natal.shtml>.

sem conseguir punir “oficialmente” os envolvidos ou sem conseguir parar o falatório perante a obra, decidiu agir com as próprias mãos. Um ataque a sede do grupo aconteceu no dia 14 de dezembro daquele ano<sup>8</sup>. Com referência a este ataque, um componente da ala (imagem 02) joga um Coquetel Molotov na sede.

É um jogo de poderes, violências e interesses. A Igreja entende-se como autora, dona e proprietária da imagem de Jesus. Ela teria os direitos de suas representações, dessa forma, qualquer forma representativa que não estivesse vinculada aos seus interesses acaba entendida como vilipêndio. A Igreja exerceria seu direito a imagem para punir os “agressores”, mas quando não se consegue juridicamente isso o recurso é estimular a opinião pública a tomarem alguma providência. O poder do discurso da fé acaba por estimular a “revolta”, afinal uma norma está sendo rompida: a norma que deduz a heterossexualidade de Jesus. Todo esse terror foi construído pelo medo da possibilidade de Jesus ter tido uma experiência homoafetiva. A homossexualidade vista não só como quebra da norma heterossexual, mas como forma de desvincular alguém daquilo que é entendido enquanto divino. O divino aqui como algo pertencente apenas a heteronormatividade, portanto, deve-se atacar aquilo que coloca em xeque esse pertencimento. Buscando refletir, o problema estaria em fornecer a Jesus uma sexualidade que não pertence a normal compulsória?

## JESUS SÍMBOLO

Pensando sobre a imagem de Jesus colocada no especial de Natal do Porta dos Fundos, Trevisan (2003) fala que Jesus, enquanto judeu, não tem

<sup>8</sup> Para mais informações: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/24/produtora-do-porta-dos-fundos-e-alvo-de-ataque-no-rio.ghtml>.



sua imagem semelhante à de um homem de olhos claros e branco, aquela que a Europa popularizou. Nesse processo, a Europa se apoia na imagem do Jesus histórico para convertê-lo no bíblico, isto é, vende uma imagem que não existe fisicamente, mas que representa o poder europeu daquela época. Não estou interessado em discutir se Jesus de verdade seria bíblico, histórico ou ambos, mas sobre a construção de sua imagem enquanto símbolo.

Entendo símbolo como uma imagem fechada em si mesma carregada de conceitos; no caso da imagem de Jesus enquanto homem branco de olhos claros, uma representação com conceitos já preestabelecidos pelo sistema – ideias colonizadoras de uma Europa – usadas com fins de controle e domínio social pela Igreja. Para a pesquisadora Fátima Lima (2021, p. 129) “O símbolo é infinito e denso em conteúdo: seus sentidos se dão imediatamente, de um golpe, como um relâmpago: o clarão do raio ilumina a intuição de repente e apenas por um instante”, isto é, o reconhecimento do seu significado é imediato. No caso da imagem europeia de Jesus, de imediato se identifica que ela é a *imagem e semelhança* do povo europeu durante a colonização. Qualquer outro povo que não tem sua imagem representada neste símbolo se torna alvo do processo escravagista e colonizador, devido eles não serem representantes dessa imagem. “[...] o símbolo é signo natural, portanto, inato” (LIMA, 2021, p. 129), ou seja, o símbolo é naturalizado como fixo e imutável, neste caso da face de Jesus.

Olhando para a imagem no filme, ela não tem olhos claros, mas sua aparência ainda está mais próxima da imagética europeia. É essa imagem europeia, formada com grande dose de interesse dos colonizadores, é vendida como a imagem verdadeira e que será questionada e tensionada em diversas esferas artísticas.



A história dita como oficial, a bíblica, não pode ser tocada a não ser pelos parâmetros religiosos. Não se mexe nos escritos bíblicos, não se reescrevem eles. O que sobra é interpretação dos escritos, mas não existem escritos sobre a sexualidade de Jesus. Então poderia um mero filme mexer numa imagem tão sólida quanto é a do Jesus cristão? Se for possível, quantos outros filmes da história não já fizeram isso ou podem fazer. Não seria algo inédito na arte cinematográfica, então, o que faz esse especial ser tão assustador aos cristãos? Talvez devido ele mexer com o conservadorismo social brasileiro que é formado por uma imagem de um Jesus imagetivamente europeu e hétero. Assim, podemos começar a apontar que o grande fator que move toda a discussão é o símbolo feito perante a imagem de Jesus, desde como ela foi construída até como se torna inquestionável.

Percebo o quanto Jesus é um símbolo quando olho para a porta da geladeira de minha casa onde minha mãe colou uma imagem de um Jesus branco como forma de abençoar a cozinha. Ou quando ela me pediu para criar uma imagem que seria estampada em seus artesanatos de tapete com retalhos de tecidos. Fiz a imagem de Nossa Senhora Aparecida, santa favorita dela. O tapete foi feito, mas ao mostrar para alguém, essa pessoa questionou “E vão pisar na cara da santa, é?”. Esse questionamento frustrou minha mãe perante a obra, cujo ela não quer mais fazer tapetes com imagens sacras. Para ela, o tapete é objeto a ser pisado no chão e pisar na cara da santa se tornou uma blasfêmia. No carnaval pode-se usar búzios a vontade para confeccionar fantasias e adereços. Esses búzios usados para este fim não foram consagrados ao divino, portanto, não são percebidos como vilipêndio usá-los dessa forma. O tapete da minha mãe nunca foi consagrado ao divino e nem a imagem do Jesus branco na geladeira, mas essas são vistas como representações do próprio Jesus, um símbolo intocável, e até entendidas como meio de aproximação entre ela, minha



mãe, e o divino. Por esse olhar, percebo que a imagem de Jesus é um símbolo que vai além do altar, vai para o social, vai para o corpo do indivíduo, vai para uma normalidade religiosa. O corpo e o comportamento social são educados e controlados até pelo símbolo.

## CRISTONORMATIVIDADE

Para tentar avançar na reflexão da imagem hétera de Jesus e colocar em pauta o que exatamente se pretende com essas representações na arte, talvez seja necessário trazer um termo que ando refletindo bastante e desenvolvendo aos poucos: a *cristonormatividade*. Abordo o termo a partir da ideia de uma heteronormatividade cristã, isto é, uma sociedade cristã que impõe valores heterossexuais na figura de Cristo e no discurso perante o comportamento social. Não existe escritos bíblicos que Jesus teria sido heterossexual. Alguns estudos caminham para possibilidade de ele ter tido uma relação com Maria Madalena<sup>9</sup>, mas escrito na bíblia – palavra vista como verdade absoluta pelos cristões e usada para legitimar discursos – não temos nenhum indício de romance ou qualquer envolvimento amoroso ou sexual na passagem de Jesus. Portanto, posso afirmar de início que Jesus era uma pessoa assexuada, ainda assim ele é tratado por uma lógica heterossexual. Jesus é homem, cisgênero e heterossexual. É uma normatividade aplicada a sua imagem que representa a *imagem e semelhança* do patriarcado que construiu essa imagética e do que se apresenta no controle da sociedade.

Em uma sociedade hétero compulsória é de se esperar que o maior representante de fé cristã seja também construído numa lógica heteronormativa,

---

<sup>9</sup> Para mais informações: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/de-onde-vem-teoria-de-que-jesus-se-casou-com-maria-madalena.phtml>. Também o site: <https://opusdei.org/pt-br/article/qual-foi-o-relacionamento-entre-jesus-e-maria-madalena/>.





principalmente no que diz respeito ao comportamento dos indivíduos. Assim, aponto a *cristonormatividade* para os parâmetros comportamentais aplicados aquilo que percebemos de Jesus e que deve ser refletido na sociedade seja o Cristo-juiz – aquele que se você não o aceitar está fadado a condenação ou quando usam sua imagem para exercer violência, representado pela “arminha” – ou a perspectiva do bom pastor que vincula sentimentos como a bondade, sabedoria e compaixão. Só aqui, temos vários prismas diferentes para olhar para essa imagem de Jesus e como ela se projeta na sociedade. Porém, ninguém quer a imagem do Jesus que vira mesas e grita com os vendilhões do templo de Jerusalém que estavam comercializando a fé. A imagem de Jesus virando mesas é uma imagem transgressora do sistema; se querem normalizar o sistema não deve usar imagens contra ele. Essa imagem que é colocada no desfile da Mangueira em seu segundo carro, enredo com título *a verdade vos fará livre*, de Leandro Vieira, em 2020, e a alegoria intitulada *O templo transformado em mercado*. Descrição:

O espaço, outrora uma casa de oração, estava ocupado por utensílios e pela compra, venda e a troca de animais – sobretudo cabras para serem oferecidas como sacrifício. De forma impetuosa, Jesus revelou sua face combativa e corajosa colocando para fora os vendedores, compradores e, até mesmo, os animais. Ergueu a voz em discurso inflamado repreendendo aqueles que haviam subvertido o propósito da casa de oração taxando-os como homens corruptos e fraudulentos que lucravam com a fé por terem transformado a mesma em objeto de negócio. (VIEIRA, 2020, p. 133)

Essa imagem é esquecida devido ela representar o combate às injustiças e o combate exige esforço e enfrentamento aos poderes vigentes. Querem apenas que Deus dê as coisas, sejam objetos nos quais podemos escrever “foi Deus quem me deu” ou “bênçãos” – agrados e facilitações na vida dadas sem esforço nenhum. Combater injustiças seria estar ao lado do povo, o sistema de poder quer





Jesus do seu lado, assim, a imagem do combatente não o serve, mas a imagem do doador serve, pois se você se comportar bem pode ganhar algo de Deus.

Ainda assim, quando a imagem do combatente é invocada, ela se faz pela lógica *cristonormatividade*. Aqui temos um embate, como os meios LGBTQs combatem preconceitos sendo normativos? Ser heteronormativo é estar inserido na sociedade de forma invisível, discreto, enrustido e enquadrado para um homoafetivo, e uma Jesus de face trans não me parece seguir essa lógica normativa, portanto, o Jesus combatente aqui discutido precisa ser visível, extravagante, pintoso.

Não é afirmar uma possível lógica homossexual para se combater um antagonista. É colocar em pauta que Jesus teria sido possivelmente assexuado e que a construção de sua imagem passa por uma heteronormatividade social que visa controlar as corporeidades. Não pretendo levantar hipóteses e desenvolver afirmações se realmente o Jesus bíblico era hétero ou gay, isso não é uma questão para minha pesquisa, mas pretendo questionar ao apontar para a imagem sendo usada como legitimadora daqueles que a detém ou estão no poder por uma forte base heteronormativa.

## ARTE DRAG COMBATENTE

Ao assumir a face do Jesus combatente no desfile virtual da Deixa de Truque comecei a colocar a arte drag e trans como proposta de combater a violência que marginaliza seus corpos. A violência representada nas alas 09 e 10 (respectivamente imagens 01 e 02). A ala seguinte é das baianas que representam o “*Evangelho segundo Jesus, a rainha do céu*”. Texto da dramaturga escocesa trans Jo Clifford, a performance brasileira é da atriz trans Renata Carvalho, por ela, é abordado várias questões perante a transexualidade, entre



elas, a legitimação religiosa e social que estimula a violência sofrida pelas trans. Na obra, Jesus é uma transexual indagando sobre o sistema social, religioso e político. Em minha interpretação, o corpo da trans é oferecido como comunhão entre as pessoas, entretanto a sociedade quer esse corpo como martírio. Não muito diferente do que acontece com o Jesus bíblico que, na última ceia, divide seu corpo e sangue, mas a sociedade o quer em martírio, o condena a crucificação. Na obra da Renata, a sociedade que prega essas corporeidades abjetas na cruz é formada pela heteronormatividade. A obra estimulou discussões em Pernambuco, além de protestos e censuras para que não fosse realizada (SIQUEIRA, 2018).

**Imagem 03** — Desenho da fantasia da ala 11 (ala das baianas) — O “*Evangelho segundo Jesus, a rainha do Céu*”



Fonte: Arquivo pessoal.

Fonte: Imagem recebida via aplicativo do *WhatsApp*.

**Imagem 04** — Johnny Hooker chamou Jesus de “travesti” e será atração no Criança Esperança





A fantasia da ala das baianas traz referências a essa obra com uma faixa contendo a palavra “censurado” e as velas que eram usadas na encenação, além das cores azul, branco e rosa pertencentes a bandeira trans (imagem 03). Essa obra teve uma recepção bastante tensa em terras pernambucanas devido a mesma apresentar a possibilidade de uma face de Jesus sendo transexual. Da mesma forma como a face homossexual assustou a boa parte da sociedade no especial do Portas do Fundo, a face trans não seria diferente impacto. Também é válido salientar que muitos artistas fizeram declarações apoiando a Renata. Uma delas chama a atenção, no dia 28 de julho de 2018, o cantor Johnny Hooker preferiu a frase “Ih, ih, ih, Jesus é travesti” em um show em Garanhuns<sup>10</sup>.

Ao fazer essa afirmação, uma enxurrada de críticas caiu sobre o artista e até a sua morte foi divulgada nas redes sociais<sup>11</sup>. A *fake news* sobre sua morte cai na mesma lógica do ocorrido com o ataque a sede Portas dos Fundos: uma sociedade desesperada por algum senso de justiça, sem apoio legal, acaba encontrando nessas notícias falsas meios de vingar o ocorrido ou realizar justiça com suas próprias mãos. O sistema fornece poder para que héteros exerçam certas violências com intuito que elas mantenham o sistema em funcionamento, assim ninguém será julgado por essas notícias falsas da morte de artistas LGBTs. Para Benjamin (2012, p. 64) “todo poder, enquanto meio, tem por instituir o Direito ou mantê-lo”, ou seja, exercer uma violência

---

<sup>10</sup> Disponível em: CANTOR JOHNNY HOOKER CHAMA JESUS DE TRAVESTI DURANTE APRESENTAÇÃO NO FIG 2018. [S. n.; s. l.] 30 jul. 2018. 1 VÍDEO (1min 45seg), son., color. Publicado pelo canal Portacorrentes Play. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jJXE7Yk6fGo>. Acesso em: 09 dez. 2021.

<sup>11</sup> Para mais informações: <https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/jesus-e-travesti-internautas-compartilham-post-sobre-morte-do-cantor-que-usou-a-frase/>.

nesse caso é o meio de manter o poder legitimador da heteronormatividade. No caso do Portas dos Fundos, a violência foi o ataque a sede e no caso do cantor apontamos para as notícias falsas de sua morte.

Como se não fosse violento o bastante propagar a notícia da morte de alguém e estimular o ódio perante o indivíduo, ainda hoje existem tentativas de boicotar os shows do Hooker. O artista foi convidado a participar do Especial do Criança Esperança da Rede Globo de Televisão de 2020, e teve sua foto compartilhada em redes sociais, na tentativa que fosse cancelado sua participação do evento, sobre o argumento que o Hooker não seria uma boa influência para as crianças devido ter chamado Jesus de travesti (imagem 04).

No texto da imagem fica claro a tentativa da campanha contra o evento e sua participação. O relevante dessa história é a afirmação que Jesus é/seria algo específico – o texto diz “chamou Jesus de bicha, de travesti”. Ao colocar que Jesus é isso ou aquilo, você mexe com o símbolo tanto afirmando algo como tensionando alguma coisa, isto é, você estaria afirmando que Jesus é X para ofender a imagem prestabelecida dele como Y e de todos que o seguem que se identificam como Y. O preconceito do sistema é revelado ao colocar X como algo ruim, pejorativo e inferior.

Essas tensões resultam em polêmicas sociais que visam mobilizar a opinião pública contra o ocorrido, seja contra a obra da Renata Ventura, seja contra o especial de natal. Para a redação do site *Isto É*, Fábio Porchat, do Portas dos fundos, declarou que:

“No Porta dos Fundos a gente não vê polêmica neste especial. Ser gay não é um problema, não é uma falha, não é uma questão de caráter. Ser gay é uma característica. Então, Jesus ser gay não depõe contra Jesus. Ao contrário”, disse. Ele ainda completou: “Tenho certeza que se Jesus voltasse, e tenho certeza que já tentou, ele teria voltado gay,



travesti, mulher, preta e teria morrido em três dias, e não em 33 anos” (REDAÇÃO, 2020, *on-line*).

Essa declaração é relevante para entendermos que o objetivo desses trabalhos artísticos não é afirmar algo e sim tensionar a normatividade do sistema. Entendo que a frase “Ih, ih, ih, Jesus é travesti” se trata de uma afirmação, mas do que estamos realmente afirmando? A sexualidade de um personagem assexuado? Ou estamos colocando em discussão uma normatividade que construiu esse personagem enquanto hétero e é legitimadora de opressões? Por que querem tanto sexualizar Jesus? Ele serve como legitimador das sexualidades e seus comportamentos? Penso que as performances e as obras artísticas LGBTs querem questionar o sistema e não legitimar sua sexualidade.

Alguns *sites* escrevem que não se combate violência com mais violência. Benjamin (2012) aponta que a violência exerce um poder, quando este ganha uma luta se estabelece como um Direito que vai exercer uma outra forma de poder. É um círculo sem fim em que o novo elo no poder exerce a mesma violência anterior ou uma nova. Contudo, entendemos que a arte aqui apontada visa questionar o sistema e não exercer um novo poder. O questionamento estar na denúncia de como o sistema trata estas parcelas sociais. Também percebemos declarações que essas representações estão tentando instalar uma “ditadura do homossexualismo”<sup>12</sup>. A ditadura é um movimento de poder instalado à força sobre um sistema democrático, este novo poder estabelece controle e novas normas sociais, além de legitimar a violência contra aqueles que não o seguem e a censura e a morte contra aqueles que o transgridem. Afirmar que

---

<sup>12</sup> Para mais informações: <https://blogs.opovo.com.br/ancoradouro/2013/04/02/ativistas-gays-zombam-de-cristo-crucificado/>.

o movimento LGBT quer instalar uma ditadura é criar uma visão assombrosa de movimentos sociais que lutam contra a opressão ao denunciarem formas violentas de um sistema opressor. Denunciar um Brasil que mais mata mulheres trans e travestis. A construção do prisma terrorista termina por mover a opinião pública, aqui assustada, a combater com as próprias mãos o ato; daqui surgem as notícias falsas da morte de artistas e ataques as suas sedes. As performances das faces de Jesus querem questionar a normatividade e não implantar outro sistema normativo e reiniciar tudo aquilo que lutam contra.

*A cristonormatividade* faz com que o símbolo Jesus exista para manter uma norma e este não poderia ser tensionado. Ao afirmar que Jesus é travesti, o cantor tensiona essa mesma norma e, por isso, sofre toda uma perseguição que dura até hoje, como exemplificado no ocorrido do Criança Esperança. Mas quando colocamos uma trans numa cruz estamos querendo o que com isso? Querendo apenas dizer que nem todo mundo tem sua *imagem e semelhança* o homem cisnormativo branco patriarcal e racista que a Europa criou e que ainda se usa como padrão a ser seguido socialmente. Seria pouco isso. Pois nossa sociedade resgata o Jesus combatente para enfrentar os diversos preconceitos existentes hoje em nosso dia a dia.

Ainda sobre combate, trago um caso de bastante repercussão da representação de uma Jesus trans. Foi na parada do orgulho LGBT em São Paulo, onde a modelo trans Viviany Belebony fez um protesto perante a violência social que marginaliza, oprime e estimula a morte de LGBTs (imagem 05). A violência com a população trans está presente tanto nas ruas quanto na mídia. Na internet apareceram notícias falsas da morte da modelo<sup>13</sup> – novamente a

---

<sup>13</sup> Para mais informações sobre esse caso recomendamos o site: <https://www.e-farsas.com/travesti-que-desfilou-na-cruz-na-parada-gay-morreu-de-bracos-abertos.html>





sociedade em busca de uma solução para o caso, em vez de criar diálogos e reflexões sobre o assunto levantado pela artista prefere criar notícias falsas da sua morte – e na televisão o apresentador Sikêra Junior, da RedeTV, que foi condenado a pagar R\$ 30 mil de indenização para a modelo por ter usado a imagem da modelo em seu programa chamando-a de raça desgraçada<sup>14</sup>.

Ao usar a imagem de Jesus para denunciar a violência que toda uma população trans sofre diariamente, muitas dessas opressões são legitimadas pelo discurso cristão e pelos neopentecostais em cargos do poder público, a artista tenta chamar a atenção para esse corpo que é colocado em martírio.

**Imagem 05** — Fotografia da performance de Viviany Belebony encontrada no *Blog* do Piero Barbacovi



**Imagem 06** — Fotografia da fantasiwa *Maria Madalena Ano 2000* da Mangureira 2020



Fonte: <https://piero barbacovi.wordpress.com/2015/06/09/sobre-o-jesus-trans/>.

Fonte: <https://www.facebook.com/GRESEPMangureira/posts/quer-desfilar-na-mangureira-fantasia-maria-madalena-ano-2000contato-ingridtelefon/2777113399017434/>.

<sup>14</sup> Para mais informações recomendamos os sites: <https://www.bnews.com.br/noticias/jusnews/justica/277175,apresentador-e-condenado-apos-chamar-modelo-trans-de-raca-desgracada.html> ou o <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/redetv-se-livra-de-pagar-r-100-mil-em-acao-de-modelo-trans-contrasikera-jr-45591>.

Não vejo esses atos mudando aquilo que entendemos de Jesus como apontam que isso ofende diretamente a ele. Novamente, essas representações estão denunciando um sistema opressor e colocando Jesus como imagem e semelhança das parcelas sociais marginalizadas pelo sistema e pelo poder público. Contudo, percebo que o símbolo é vendido como o próprio Jesus. Como algo fixo, imutável. O papa é a personificação de Deus na terra. Um símbolo que remete ao próprio Deus em carne e osso. Um santo. A mesma coisa com a santa no tapete, não pode pisar, pois vai ofender a santa. Jesus é tão vaidoso que se sentiria mal sendo interpretado assim, como *imagem e semelhança* de sua filha transexual? Ou ele escolhe quais filhos o podem representar e quais não?

Ao analisar a performance da modelo Viviany, Piero Barbacovi aponta em seu *blog* que:

Obviamente o episódio ocorrido na parada gay em SP foi uma metáfora, e muito bem-feita, por sinal, para mostrar, artística e pacificamente, que os representantes LGBTT são rechaçados e perseguidos, assim como Jesus o fora. É uma forma de dizer que não conseguem entrar num banheiro masculino sem serem ridicularizados ou num feminino sem serem hostilizados; de declarar que não conseguem emprego; de afirmar que são mortos homossexuais a praticamente cada dia. É um modo de dizer que não são entendidos, que, por algum motivo (meu Deus, qual é?!), não merecem os mesmos direitos que o resto da população “normal”. Acho que Jesus daria um grito com tal representação: “Isso! Acabem com proselitismos! Quem vê um sofrido e oprimido ao meu rosto enxerga”. (BARBACOVI, 2015, *online*).

Até que poderíamos dizer que não se trata do Jesus bíblico nessas representações e sim do Jesus histórico fazendo uma descrição entre os dois, suas características e como as narrativas os separaram. Mas o símbolo não é construído nessa lógica dualista, pela qual, Jesus bíblico seria uma coisa





e o Jesus histórico outra. O símbolo usado pela Igreja para legitimar seus discursos é um símbolo fixo construído por ideais europeus colonialistas. Afinal, quando me visto de Jesus e subo numa cruz para performatizar uma obra que coloca em pauta um assunto, uma causa, um questionamento estou usando do símbolo tanto religioso quanto histórico. Ao questionar o porquê de uma sociedade legitimar a morte e o preconceito contra trans e travestis, estou tensionando o discurso normativo que afirma que minha *imagem e semelhança* é de um homem cisgênero heterossexual.

Para finalizar, olho para uma fantasia do carnaval da Mangueira do ano de 2020, a agremiação divulgou ainda no processo de confecção do carnaval algumas fantasias para seu desfile. Entre elas, uma intitulada de *Maria Madalena Ano 2000*. Na imagem 06, a fantasia é formada pelas cores da bandeira do arco-íris, símbolo da bandeira LGBT, e o componente traz um adereço de mão com a pergunta: “Irmão, vai tacar pedra?”.

O carnavalesco em postagem em suas redes sociais defendeu a fantasia afirmando que o Brasil é o país que mais mata LGBTs<sup>15</sup>, e que a política e a religião terminam por colaborar com esses acontecimentos. O Jesus proposto pelo enredo da Mangueira conviveria com pessoas LGBTs, estenderia a mão para elas e seus ensinamentos não as oprimiriam como muitos dogmas religiosos fazem. Vejamos o texto do enredo referente a fantasia da ala *Maria Madalena Ano 2000*:

Sobre o visual geral do figurino que compõe a ala, convém destacar que, no imaginário popular, Maria Madalena está associada ao pecado. Sua figura histórica é a da mulher oprimida que foi defendida por

---

<sup>15</sup> Para mais informações: <https://exame.com/brasil/pelo-120-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>.



um Jesus que, diante da possibilidade do apedrejamento diante do entendimento de que a personagem cometia um suposto desvio de conduta, pronunciou: “quem não tem pecado que atire a primeira pedra”. Dito isso, ao dar à figura histórica de Maria Madalena contornos estéticos associados à estética LGBTQI+ – a predominância do figurino das cores do arco-íris adotada como símbolo da causa deixa isso evidente – a intenção é potencializar a partir do discurso carnavalesco a conscientização sobre os crimes de ódio contra uma população que sofre com a violência dos mecanismos ideológicos e repressivos, muitos inclusive, justificados a partir de um pré-conceito de raízes religiosas. Aqui, assim como em outros momentos do desfile, a escolha de uma proposta artística quer incentivar o debate dos direitos das minorias e discussões importantes no que diz respeito ao fato de que o país que mais mata homossexuais no mundo é o mesmo país que se declara como sendo 90% cristão (VIEIRA, 2020, p. 159).

Podemos dizer que a fantasia usa da imagem da Maria Madalena para criar toda uma proposta de reflexão perante a questão LGBT, afinal se Jesus voltasse hoje, ele estenderia a mão para aqueles cuja sociedade estaria atirando pedra e, como vivemos num país cujos índices de assassinatos a pessoas trans é bastante elevado, não seria difícil entender que o sistema heteronormativo estaria incentivando esses lançamentos de pedras. A Madalena, portanto, seriam as trans e travestis apedrejadas.

A fantasia resume um pouco aquilo que tento abordar nessa provocação textual em questão do uso das imagens sacras como meios questionadores sociais. As críticas nas redes sociais, apontam que a escola não poderia mexer com a imagem de Maria Madalena. Por mais que ela esteja associada ao pecado, ainda é a imagem da mulher que é resgatada por um homem; que precisa de um homem para ser salva; que precisa sair do lugar de pecado por meio de um homem. A salvação ainda vem por intermédio do masculino. Isso quando não estão associando a Madalena como a esposa de Jesus. Na



sociedade, alguns apontam que eles tiveram algo, enquanto nos escritos nada é mencionado. A questão é como Madalena se tornou a possível esposa de Jesus? O personagem é tão heteronormatizado que até esposa lhe dão. Isso vai refletir em como vemos o uso da imagem de Madalena na fantasia, afinal se ela é retratada como trans e, possivelmente, tivesse algo com Jesus, ele ainda seria hétero? Colocar Madalena como trans é também tensionar essa narrativa que ele seria hétero devido ter envolvimento com ela. Você pode mexer com a imagem de Jesus hétero por meio da imagem da Madalena? O relevante é como ela pode servir para questionar todos esses mecanismos repressores encontrados socialmente.

Todas essas representações têm como objetivo enfrentar alguma forma de opressão ou repreensão que a sociedade faz e a Igreja legitima e estimula com seu poder e seus símbolos. É exatamente sobre violência que boa parte dessas representações LBGTs da imagem de Jesus luta contra. A violência simbólica e física, aquela que mata os corpos e que os perseguem, tanto ao criar *fake news* de suas mortes, quanto ao criar campanhas contra seus trabalhos.

Todo dia, o gay é normalizado numa sociedade hétero compulsória a se comportar de Y forma, a falar de Y maneira, obrigando todos a seguirem seus parâmetros. Seria muito fácil dizer que toda essa heteronormatividade é uma ditadura heterossexualista, mas isso seria uma afirmação muito pífia. Afirmar que o meio LGBT quer implantar uma suposta ditadura homossexual por essas representações seria apagar a luta social que denuncia e combate a opressão por meio dessas representações. Jesus aqui é um meio para se chegar ao entendimento que precisamos mudar essa sociedade, afinal, ele foi um corpo transgressor de sua época que lutou contra as opressões e virou as bancas dos comerciantes da fé. Talvez a



sua *imagem e semelhança* seja dos corpos transgressores do sistema que buscam por mudanças.

## REFERÊNCIAS

BARBACOVİ, Piero. **Sobre o Jesus Trans**. 2015. Disponível em: <https://pierobarbacovi.wordpress.com/2015/06/09/sobre-o-jesus-trans/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BENJAMIN, Walter. Sobre a crítica do poder como violência. *In*: BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Tradução e organização de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BRAZ, Ednaldo da Costa. **Travestis e (re)ações à violência sofrida nos espaços de prostituição na cidade de Campina Grande - PB**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campina Grande, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

REDAÇÃO, Isto É Gente. **“Se Jesus voltasse, ele teria voltado gay e travesti”**, diz Fábio Porchat. 09 nov. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/se-jesus-voltasse-ele-teria-voltado-gay-e-travesti-diz-fabio-porchat/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

SILVA, Tiago Herculano da. As diversas faces de Jesus no desfile da Estação Primeira de Mangueira no carnaval 2020. *In*: III SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA: Lutas e (Re)Existências. v. 3, set. 2020. **Anais eletrônicos [...]**. São Borja - PA, UNIPAMPA, 2020. p. 869-890.



SILVA, Tiago Herculano da. LIMA, Fátima Costa de. Do Sambódromo ao Carnaval Virtual: a face da Jesus Mulher na Mangueira 2020 e na Deixa de Truque 2021. In: FERREIRA, Ezequiel Martins (org.). **Arte e cultura**: produção, difusão e reapropriação. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2021. p. 36-50. *E-book*. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/50773>.

SIQUEIRA, Elton B. S. de. O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu: Uma recepção ruidosa. In: MELO, Iran Ferreira de; AZEVEDO, Natanael Duarte de. In: ANAIS DO IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO. nov. 2018. Recife. **Anais eletrônicos** [...]. Campina Grande, PB: Editora Realize, dez. 2018. p. 01-12.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

VIEIRA, Leandro. A verdade vos fará livre. In: LIESA. **Livro Abre-alas 2020**: domingo. Rio de Janeiro: LIESA, 2020. p. 113-176. Disponível em: <https://liesa.globo.com/carnaval/livro-abre-alas.html>. Acesso em: 09 dez. 2021.

TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo**: a formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: RS, Editora AGE, 2013.

